

SEM PERDÃO PARA ESTADOS

Dívida Pública

Recado do presidente aos governadores foi dado na presença de Covas, que não quis comentá-lo. "Não faço julgamento", disse

São Paulo — O presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a avisar ontem aos governadores que o governo federal não vai ceder na negociação das dívidas dos estados. Sua mensagem, durante a cerimônia de lançamento do Pólo Petroquímico do Planalto Paulista, no Palácio dos Bandeirantes, foi clara, especialmente para os governos que não cortam gastos nem eliminam servidores ociosos. "Estamos negociando. Quando os estados se ajudam, nós ajudamos. Quando não se ajudam, aí fica difícil".

O governador Mário Covas (PSDB-SP), anfitrião segunda-feira passada de uma reunião com 19 governadores, afirmou não ter conversado com o presidente sobre o encontro. Ficou acertada na ocasião a suspensão das negociações com o Ministério da Fazenda sobre as dívidas mobiliárias (títulos) e contratuais dos estados, que batem em US\$ 91 bilhões. Eles decidiram, ainda, manter um canal permanente com o Senado e o Palácio do Planalto.

Covas também se negou a comentar a declaração de Fernando Henrique de que não cederá na negociação das dívidas. "É uma declaração do presidente da República, não faço julgamento", disse. Segundo o governador, o governo de São Paulo nunca pediu nada ao governo federal. "Pelo contrário, acho até que as condições em que estão sendo feitos certos acordos hoje são melhores que as que propus", adiantou.

SEM FAVORES

"Estou vendo fazerem acordos com relação à dívida que não são nenhum favor também; são acordos, renegociação da dívida." De acordo

com o governador paulista, essas negociações contribuem para consolidar o real e diminuir o déficit público, pelo qual o Estado está pagando 20% com ativos e renegociando durante 30 anos.

Fernando Henrique elogiou Covas. "Prometemos esse pólo (do Planalto Paulista) em abril. Devia isso ao governador Mário Covas. Isso é uma forma de dizer que a administração federal acompanha com entusiasmo a obra de moralização administrativa que vem fazendo em São Paulo", comentou. No final do discurso, o presidente completou: "Sinto que no meu São Paulo as coisas continuam indo bem".

Mas há um porém nas relações entre o Planalto e o governo paulista. São quase R\$ 20 bilhões da dívida do estado junto ao Banespa. No final de dezembro acabam os dois anos do regime de administração especial temporária do banco. Se a instituição for liquidada, São Paulo fica sem ela, mas ao governo federal restará um rombo financeiro bilionário.

CORTES

A solenidade, que contou com a presença de quatro ministros de estado, parlamentares, empresários e o presidente da Petrobras, Joel Rennó, foi marcada por elogios explícitos a Covas. A administração do estado cortou em 20 meses 11,24% dos 810 mil funcionários que encontrou no início da gestão, em janeiro de 1995. Além disso está organizando as vendas das empresas energéticas e concessões de estradas.

Fernando Henrique chegou à sede do governo paulista às 15h05, acompanhado de ministros, sena-

Marcos Fernandes/SP



Covas, ao lado de Fernando Henrique: "Estou vendo acordos com relação à dívida que não são nenhum favor; são acordos, renegociação da dívida"

dores e deputados federais, os mesmos que o acompanharão hoje na rápida viagem à fronteira entre o Brasil e a Argentina para ver uma manobra militar conjunta dos dois países.

O presidente anunciou investimentos de R\$ 4,3 bilhões na criação do segundo Pólo Petroquímico de São Paulo, localizado perto de Campinas, chamado Planalto Paulista. O primeiro empreendimento do estado é o de Cubatão, na Baixada Santista. O novo complexo industrial fi-

cará pronto em oito anos.

MONOPÓLIO

Ao dizer que seu governo aumentou a produção da Petrobras em 20% em 20 meses, Fernando Henrique criticou diretamente os opositores da quebra do poder da Petrobras, como seu antecessor Itamar Franco. "Quanta choradeira eu ouvi, meu Deus! A palavra, eu inventei: iniciamos a flexibilização do monopólio. Agora os dados são mais eloquentes que qualquer gritaria".

O presidente citou os investimentos da Petrobras, dando um afago em políticos e empresários do Nordeste com os recursos da estatal. Ao Rio Grande do Norte, do presidente da Confederação Nacional da Indústria, Fernando Bezerra, lembrou do pólo gás-sal. Falou dos gasodutos no Ceará do governador tucano Tasso Jereissati. "Que um dia chegará ao Maranhão", completou rápido, sem esquecer do estado natal do presidente do Congresso, José Sarney (PMDB-AP).

Aos empresários — representados por Olavo Setúbal, do Itaú, Carlos Mariani Bittencourt, do grupo Mariani, e pelo presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Carlos Eduardo Moreira Ferreira —, deu uma mensagem forte: "A preocupação com o emprego deve ser como é em São Paulo, obsessiva, mas a resposta deve ser uma só: mais investimento. O resto não é resposta, é ilusão, enganação. Quem realmente sabe, percebe que é necessário oferecer mais, investir mais".